

A gente corre pra quê?

Marcos Ribeiro das Neves

A tematização ocorreu na EMEF Ana Silveira Pereira durante o entre o primeiro e o segundo semestre de 2019. A escola se localiza no bairro do Jardim São Luís, atrás do cemitério São Luís, Zona Sul da cidade de São Paulo. No entorno da instituição há pontos que centralizam práticas culturais como a *Casa de Cultura do Jardim São Luís*, a *Praça do Jardim Leticia* e a *Cooperifa*. O que acontece nesses ambientes interfere diretamente no currículo da escola.

A construção do prédio atual é relativamente nova. Antes a escola se situava em outro local. Devido ao aumento da demanda de estudantes e à urbanização do bairro, a Prefeitura construiu um novo edifício. Com essa mudança, a escola começou a atender estudantes que residem nas proximidades, assim como os que vivem mais distantes. Características que também influenciam o currículo.





Cabe destacar que foi o meu primeiro ano na escola, além disso também morava há pouco tempo na região. A pouca experiência no território e na instituição é um dado importante porque ainda não conhecia e não tinha informações que pudessem, de alguma maneira, fortalecer o trabalho pedagógico, o que aconteceu durante a tematização.

Para definição do tema “corrida”, levei em consideração alguns elementos: o projeto político pedagógico se intitula *Gestão das aprendizagens e das relações interpessoais nos espaços tempo da escola* e a unidade participa do projeto *Territorialidades*. Tal iniciativa deve-se a uma escolha da equipe gestora e se configura como uma ação de resistência ao *Currículo da Cidade*, documento oficial da Secretaria Municipal de Educação, que é rejeitado pelo corpo docente da unidade.

Além das justificativas supracitadas, percebi que o deslocamento dos estudantes do 6º ano entre a sala de aula e os espaços onde realizavam as atividades de Educação Física incomodava os profissionais da escola por conta do barulho. Toda vez que se dirigiam à quadra para as vivências corporais do projeto de queimada, faziam-no correndo, gritando, e dava para perceber o transtorno causado.

Quando terminamos a tematização da queimada, perguntei à turma “a gente corre pra quê?” Os estudantes responderam: para se divertir, para competir, para ficar magro, para fugir da polícia. Dei prosseguimento à problematização: quando a gente corre para

se divertir, para competir, para ficar magro? Isso acontece nos mesmos locais? As mesmas pessoas? Quais são os tipos de corrida que se aproximam do que vocês disseram?

Aos poucos já estava rabiscando na lousa o que diziam. Para se divertir, tem pega-pega, esconde-esconde, ajuda-ajuda, queimada, alerta. Para competir, corrida de 100 metros, corrida de rua, maratona e, para emagrecer, tem a corrida na academia e na rua. Nesse dia pude perceber que a “corrida” era significada de diferentes maneiras pelo grupo.

A partir daí, relacionei os seguintes objetivos no plano de ensino: a) vivenciar a corrida em diferentes locais do território; b) ampliar as significações sobre a prática corporal; c) conhecer o ponto de vista dos praticantes; e d) produzir outras possibilidades de correr.

Aos poucos fui organizando as vivências corporais.

Esconde-esconde



Pega corrente



Duro ou mole



Fui tateando e buscando informações que pudessem fortalecer a tematização. Certo dia, ao adicionar a Assistente de Direção Dayane na rede social, observei em uma postagem que ela é praticante de corrida de rua e faz parte de um grupo de corredores. Expliquei-lhe o que estávamos estudando e convidei-a a compartilhar com os estudantes as suas experiências com a corrida e, se possível, apresentar à turma alguns artefatos utilizados nessa prática corporal.

Durante a conversa, ela perguntou se poderia trazer o técnico da equipe e realizar uma atividade com os estudantes. Julguei que seria uma experiência muito bacana para ampliar os conhecimentos sobre o tema e marcamos a data.

No dia combinado fui surpreendido pela colega, pois além do técnico, ela trouxe toda a equipe de corredores e ainda convidou a professora Dalva e outra Assistente de Direção, a Sionéia, para participarem das vivências com os estudantes.

A atividade proporcionou a outros atores do currículo o compartilhamento de saberes sobre a prática corporal tematizada com os estudantes, além de estimular a criação de novos vínculos.



Durante o encontro, os estudantes tiveram contato com praticantes e com os equipamentos empregados na corrida. Entre outros detalhes, as corredoras explicaram que cada medalha tem uma história e cada prova também.



Após conversar com o técnico Geraldo e com as corredoras, os estudantes aprenderam e vivenciaram algumas técnicas da corrida.

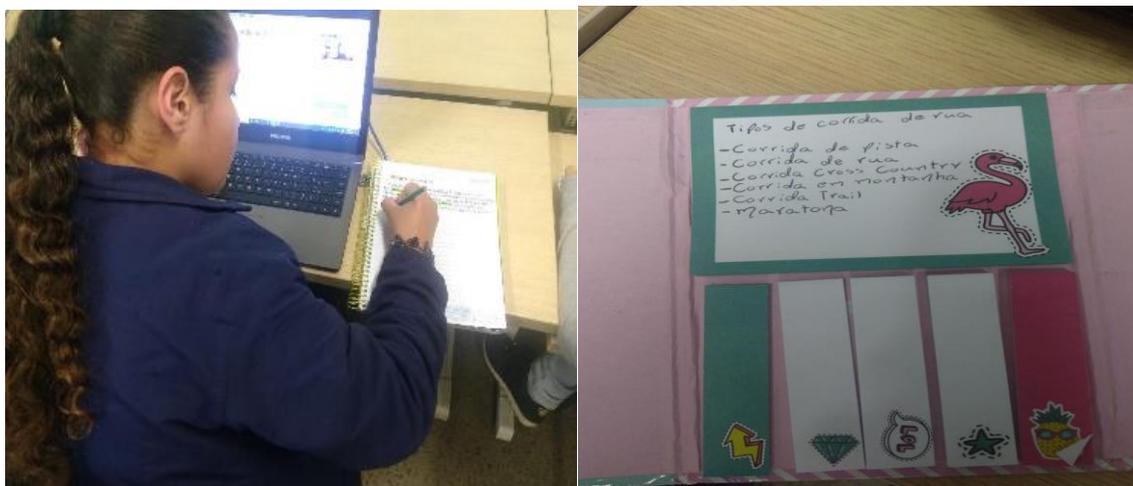


Para finalizar o encontro, a turma conversou com a professora Dalva e com as assistentes de direção. Cada qual compartilhou suas experiências com a corrida. Na ocasião, os estudantes acessaram diferentes significações do ponto de vista de quem vive o cotidiano da manifestação cultural. A professora Dalva disse que corre porque tem a vida muito agitada e, durante a prática, consegue relaxar e pensar em outras coisas. A Sionéia relatou que estava beirando a depressão e, com a corrida, se animou bastante e não tem mais problemas. Dayane compartilhou com a turma que o coletivismo da equipe nos momentos de competição gera uma sensação muito boa, além de fazer bem à saúde.

Ao analisar as minhas anotações das aulas, percebi que seria o momento de buscar mais informações sobre as corridas. Fomos à sala de informática acessar outras fontes e ampliar os nossos conhecimentos. Antes de começar a atividade, apresentei algumas questões que norteariam o estudo. Pedi para buscarem informações sobre os tipos de corrida, a história de algumas corridas de rua (São Silvestre, por exemplo) e os possíveis efeitos da prática.



Os resultados da pesquisa foram registrados nos cadernos de Educação Física.



Durante a vivência, alguns discursos emergiram e abriram o caminho para outras possibilidades. Um dos estudantes questionou se a corrida poderia ser realizada apenas por pessoas magras. Em vez de responder à indagação, pedi que pesquisassem em outras bases e observassem vídeos de outras modalidades de corrida.

No dia seguinte, organizei vivências de corridas de competição. A corrida “rápida”, que chamamos de 100 metros, corrida de revezamento e corrida de 400 metros.

Contatei os responsáveis pelo Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (Cepeusp) e agendei uma saída pedagógica, pois a entidade possui uma pista oficial de atletismo. A ideia foi permitir que os estudantes vivenciassem a prática em condições semelhantes àquelas disponíveis aos atletas da modalidade.



Eles puderam realizar várias provas de 100 e de 400 metros rasos.



Retornando ao território da escola, iniciamos a exploração do entorno. Como a EMEF fica localizada em um morro e ao lado há uma área de mata bem grande, organizei a vivência nesse espaço, que me pareceu bom para experimentar a corrida de aventura.

Momentos antes da aula, percorri o terreno e marquei a pista com cordões e pedaços de pano. Geralmente, a corrida de aventura é praticada em grupos, então, separei quatro cores de coletes para identificar as equipes, levei os estudantes para a quadra de

esportes que fica no piso superior da escola e mostrei o trajeto. Após a explicação, pedi que se organizassem em grupos de quatro pessoas cada e entreguei os coletes.

Caminhamos para o terreno e os grupos vivenciaram a corrida de aventura. A atividade compreendeu uma disputa em que a equipe que terminasse o trajeto primeiro seria a vencedora. Foram quatro voltas para cada grupo. Enquanto corriam, os colegas gritavam loucamente os nomes dos participantes.



Depois da vivência, nos sentamos para conversar sobre a aula. Pedi para cada um falar o que foi a experiência com a corrida. Um estudante levantou a mão e disse que achou incrível, outro narrou que foi emocionante, que gostaria de continuar, e uma estudante falou que foi horrível.

Na aula seguinte, para ampliar as significações sobre a maneira de correr, selecionei um vídeo sobre corrida de aventura. Após assistirem a reportagem, perguntei se eles achavam que praticar a corrida estava diretamente condicionada à movimentação e todos disseram que sim. Então, a partir do vídeo assistido, expliquei que a corrida poderia ser praticada usando botes ou bicicletas. Além disso, perguntei o que levou as pessoas a praticarem a corrida de aventura. A turma respondeu: “ganhar e superar limites, ganhar e fazer amizades, ganhar e conhecer outros países”.



Começamos a transitar em outros locais do entorno da escola. Devidamente autorizados pelas famílias, fomos à *Praça do Leticia*, um local nas imediações da escola utilizado para lazer. Descemos as vielas correndo e, na praça, os estudantes puderam vivenciar as corridas como diversão. Brincaram de polícia e ladrão, pega-pega ajuda e voltamos para a escola apertando a campanha das casas para sair correndo.



Fuçando nos materiais da escola, encontrei um videogame XBOX com jogos de corrida. Diante desse achado, reorganizei as atividades e montei o aparelho para os estudantes vivenciarem a corrida eletrônica. Considerei que seria um ótimo momento para desestabilizar algumas relações de poder e permitir que os menos habilidosos tivessem a experiência de ganhar uma corrida e/ou de vivenciá-la de uma outra maneira.



Ainda no campo da vivência e da experiência de si, organizei mais uma saída pedagógica, faltava os estudantes visitarem uma academia. Fomos para a Espaço e Vida, antes disso, fui ao local e expliquei para os profissionais o que estávamos estudando.

No dia marcado, os professores da academia receberam nossos estudantes, apresentaram o local e explicaram com detalhes o que acontecia no ambiente destinado à corrida.



A turma utilizou as esteiras de corrida. O professor Vinicius explicou como funcionava o equipamento, quanto tempo era necessário para obter resultados fisiológicos

e o que leva a maioria das pessoas a buscavam essa atividade. Ele destacou a melhoria da “qualidade de vida”.

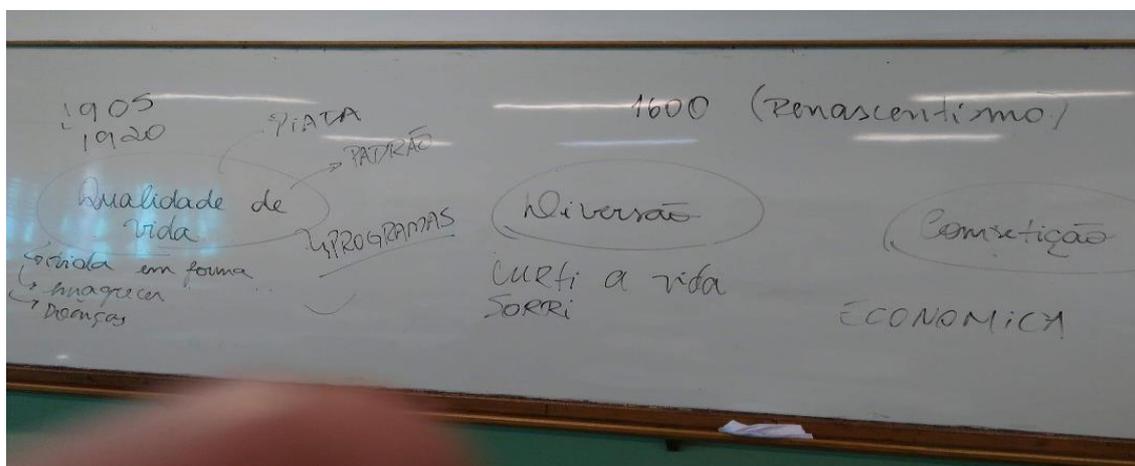
Ainda no encontro, o profissional alertou para a utilização de calçados e roupas adequadas à prática. A conversa ajudou os estudantes a ampliar seus conhecimentos sobre a relação entre corrida e cuidado da saúde, o que se constitui também como repertório cultural corporal.

Pausa para o recesso escolar!

Esse período de quinze dias sem aulas permitiu que eu revisitasse os registros do trabalho realizado e no retorno retomasse alguns pontos. No primeiro dia de aula fizemos uma cartografia do projeto na lousa e, após a retomada do caminho percorrido, problematizei as significações que emergiram durante as atividades: corrida como forma de melhoria da qualidade de vida, diversão e competição.

As questões tencionaram desnaturalizar as concepções dos estudantes: o que significa qualidade de vida? Por que a gente sai de casa para fazer atividade física e entende que isso é importante para a nossa vida? Foi sempre assim? Como as pessoas se relacionavam com os seus corpos em outras épocas? Por que em outras épocas ter uma imagem corporal que hoje é tomada como “gorda” era status social e agora é objeto de preconceito? O que entendemos por diversão? Nascemos com essa ideia ou é uma construção cultural? Por que aprendemos que é importante competir? Será que isso está relacionado com o contexto econômico?

As provocações levaram os estudantes a se posicionarem.



Na aula seguinte fiz uma outra retomada, agora na sala de informática. Visitamos alguns sites e pesquisamos sobre os significados da corrida, os praticantes de cada tipo, as vestimentas que usam etc. Os conhecimentos acessados foram enunciados pelos estudantes, o que possibilitou uma visão mais ampla a respeito dos motivos que caracterizam a ocorrência social da corrida no território em que a escola está situada.